

## RESENHAS

GAELZER, Lenea.

**Ensaio à liberdade:** uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre. Porto Alegre, D. C. Luzzatto Ed., 1985, 106 páginas.

Lenea Gaelzer, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde está à frente dos cursos de especialização em Lazer e Recreação, traz com **Ensaio à liberdade**, o resultado de mais uma fase do seu esforço constante de reflexão nessa área, esforço esse que já havia produzido, anteriormente, entre outros trabalhos, **Lazer: bênção ou maldição?** ( Sulina, 1979 ).

A primeira consideração sobre a nova obra de Lenea não pode deixar de ser positiva, uma vez que a autora se lança num terreno pouco explorado — o tempo livre e nele o lazer —, sobretudo em se tratando das relações com o processo educativo verificado na escola.

No estudo, a educação para o tempo livre é considerada como “o processo do qual a escola se vale para preparar o indivíduo para a liberdade” ( p. 57 ), e a liberdade é vista como “aquela que deverá proporcionar o máximo de oportunidades, para que os indivíduos aprendam sobre fatos que ainda desconhecem, e utilizem este conhecimento na vida prática, em suas ações” ( p. 38 ).

Embora estejam presentes algumas referências à ocupação “saudável” do tempo livre ( p. 48 ), ou considerações do tipo: “a importância da liberdade e do seu estudo na educação é justamente porque não se sabe de que maneira os indivíduos a usarão” ( p. 39 ), não se verifica tão acentuadamente, como no trabalho anterior da autora, a visão “moralista” das atividades de lazer. Mas, está presente, de forma marcante, uma visão “compensatória” do lazer, que a despeito da alienação do trabalho e do “comercialismo” da indústria cultural, apontados pela própria educadora, é por ela considerado como “um processo livre, educativo e criador que oportuniza a auto-análise e a descoberta da dimensão humana” ( p. 36 ). O tempo livre é analisado, de forma abstrata, como “tempo de libertação no qual todos têm o direito de sair de dentro de si mesmos ou de viver para si” ( p. 23 ).

No decorrer do texto, a autora fala com insistência na “educação para o futuro”, no “homem que virá”, em “aprender para o futuro”, colocando que “não se sabe, na verdade, o que o futuro reserva à humanidade, e isso, decididamente, interfere no destino que se quer dar à educação” ( p. 22 ). Será que os questionamentos sobre a educação devem ser colocados nesse nível — um futuro ideal, que guie a tarefa educativa? Que futuro é esse? Quem o determina? Não seria o caso de se considerar a educação no presente, suas possibilidades frente às necessidades de mudança, enxergando o homem como agente do processo histórico e, portanto, participante das possibilidades desse “futuro”?

Embora colocando que “é preciso procurar entender que a civilização humana tem vida própria; que todas as tentativas de aperfeiçoamento devem dar-se dentro de uma estrutura geral que não pode ser controlada” ( p. 94 ), o que o texto passa, no geral, é a crença na autonomia do plano cultural, baseada em “concepções de liberdade e ensino”, um tanto distantes da realidade social. Isso não ocorre, no terceiro capítulo da segunda parte: “a expressão criadora na pedagogia do lazer e

os professores", quando a autora parte da análise da realidade escolar, a partir de dados preliminares de pesquisa realizada, em 1980, em Porto Alegre, junto às escolas estaduais de primeiro grau.

Estudo que "longe de pretender dar soluções às dificuldades dos processos pedagógicos, gostaria, antes de tudo, de provocar reflexões que estimulassem o convite à prática da expressão criadora dentro e fora da escola" (p. 40), **Ensaio à liberdade**, através de suas colocações polêmicas, contribui para o debate sobre as questões que envolvem o tempo livre nas suas relações com a educação.

**Nelson Carvalho Marcellino**

OLIVEIRA, Paulo de Salles  
**Brinquedo e indústria cultural**  
Petrópolis, Vozes, 1986, 96 páginas

Analisar os brinquedos em sua seriedade, considerando-os como "manifestações concretas de dominação social e cultural" (p. 9), é a proposta do sociólogo Paulo de Salles Oliveira, em **Brinquedo e indústria cultural**.

O autor, que já havia publicado, anteriormente, **Brinquedos artesanais e expressividade cultural** (SESC, 1982), e **O que é brinquedo** (Brasiliense, 1984), traz nesse novo trabalho, originalmente sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais (PUC-SP), outra contribuição importante a esse assunto tão significativo, mas pouco explorado entre nós.

O texto final é resultado de pesquisa bibliográfica interpretada com precisão, e de trabalho de campo, nem sempre explicitado, que o autor classifica de "oculto" (p. 12), englobando entrevistas com crianças, pais, educadores, industriais e comerciantes da área.

A análise não é efetuada de maneira abstrata, situando-se "no contexto histórico da sociedade brasileira atual", reconhecendo "que seu substrato se aloja no modo de produção capitalista, tal qual se estabelece em um país dependente, econômica, social, política e culturalmente" (p. 33). Dessa forma, delimitando a área da pesquisa, o sociólogo a restringe aos brinquedos industrializados, uma vez "que são eles, caracteristicamente, que expressam as determinações do modo capitalista de produção" (p. 36).

Procurando "decifrar" o brinquedo, o autor apresenta, de modo sintético, as principais contribuições, no âmbito da Psicologia e da Sociologia, nesse campo, destacando as diferenças de seu significado para crianças e adultos. Deixa caracterizada, ainda, de forma precisa, a "noção de brinquedo" que orientará o estudo, distinguindo-o da brincadeira e do jogo.

Nos três capítulos centrais da obra, o brinquedo é analisado como mercadoria, mensagem e adestramento:

— no primeiro deles, a abordagem dialética é baseada no conceito de mercadoria de Marx, passando pelo "princípio da propriedade". Nele é destacado o papel desempenhado pelos brinquedos no processo de dominação ideológica;

— no segundo, é estudada a vinculação brinquedo/indústria cultural de modo específico, dando ênfase às relações imperialistas manifestadas no plano cultural: "Junto com a diversão que lhe é inerente, o brinquedo é portador de idéias, valores e mensagens identificadores dos pilares da cultura capitalista" (p. 53). Os brinquedos são ainda enfocados na perspectiva da sociologia da família, como meios de en-

tendimento das contradições entre adultos e crianças. Desse prisma, a sociedade capitalista é situada "como algoz das classes subalternas e das relações entre pais e filhos" (p. 68).

— no terceiro, é destacada a relação brinquedo/informática, onde o autor revela os "segredos do brinquedo eletrônico" e discute a questão da tecnologia, criticando tanto os adeptos da modernização, quanto os que são portadores da concepção "romântica" da questão.

Na conclusão, o sociólogo retoma "a questão do brinquedo na sociedade capitalista", e discute "alguns de seus aspectos mais expressivos na formação social das crianças" (p. 84). São distinguidas características gerais dos brinquedos industrializados ( a propriedade, o fetichismo, a exaltação do herói, a banalização da cultura e a questão da passividade ) e outras mais específicas dos brinquedos eletrônicos.

No geral, esse estudo sociológico dialético, procura "desmascarar a dominação cultural que os brinquedos exercem sobre as crianças numa sociedade capitalista" (p. 90). Embora a ênfase esteja situada no processo de dominação, a visão que o autor coloca não é unilateral, uma vez que são registradas as possibilidades da dimensão lúdica dos brinquedos, e da reação, reinterpretação e mesmo da negação, pelos pequenos, do mundo imposto pelos adultos. Seria interessante que esse segundo aspecto fosse retomado, mais detidamente, em trabalho futuro.

Trabalho de pesquisa sério, relatado em linguagem clara e precisa, **Brinquedo e indústria cultural**, com certeza, é de interesse para todos aqueles que se preocupam com as atividades culturais, quer como área de estudo, quer como campo de atuação, de modo geral, e especificamente na infância.

**Nelson Carvalho Marcellino**

GUIMARÃES, Áurea Maria.

**Vigilância, punição e depredação escolar.**

Campins, Papirus, 1985, 183p.

A atualidade da temática é a primeira observação que se deve fazer a respeito do trabalho de Áurea Maria Guimarães, **Vigilância, punição e depredação escolar**. A questão, apesar de estar presente no cotidiano dos educadores, de modo particular, e da população em geral, que dela toma conhecimento diretamente, nas suas comunidades, ou através da imprensa, não tem suscitado o esforço de análise que merece; portanto, deve-se destacar também a oportunidade do estudo dessa socióloga.

Motivado pela vivência profissional da autora, a partir do seu trabalho como assistente técnica da CONESP-Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo, o livro, originalmente sua dissertação de mestrado, na área da Filosofia da Educação (PUCAMP), é a combinação bem articulada entre pesquisa bibliográfica aprofundada e trabalho de campo, realizado em escolas públicas de primeiro e segundo graus, na cidade de Campinas-SP. A pesquisa é levada a efeito tendo por base uma "hipótese inicial que haveria uma relação entre vigilância, punição e depredação escolar" (p. 15).

Na delimitação da pesquisa, Áurea opta "por estudar a depredação efetuada somente pelos alunos", uma vez que, num só trabalho seria impossível analisá-la de forma global. Justifica tal delimitação, argumentando que "embora aconteça em menor escala, esse tipo de violência chamou minha atenção porque à primeira vista pareceu-me que ocorria em quase todas as escolas onde a direção se caracterizava pelo seu rigor punitivo" (p. 15).

Na primeira parte do trabalho, "A escola anti-educativa", a autora nos dá conta da pesquisa bibliográfica, analisando a "vigilância e punição na escola, segundo a ótica de Michel Foucault", relacionando a escola e a realidade, a partir de estudos do IDAC-Instituto de Ação Cultural e destacando os pontos de similaridade entre as teses dessas duas fontes.

Na segunda parte, "Violência na Escola", são destacados, num primeiro momento, os critérios para análise das escolas, formulados a partir de pesquisa bibliográfica. No segundo capítulo dessa parte é que o livro torna-se ainda mais interessante, pois a análise da autora é baseada e intercalada por depoimentos dos alunos, colhidos em entrevistas, motivadas por discussões baseadas em desenhos, onde a escola é apresentada separadamente: isolada, em atitude de depredação e de cooperação para conservação. Os depoimentos são de alunos de 5ª a 8ª série do primeiro grau. Assim, a temática é analisada a partir da perspectiva dos alunos: a vigilância, como "instrumento de controle e dominação", a punição, "muito mais uma forma de discriminar comportamentos do que castigar" e a depredação, como "um campo de violência aproveitado". Ao final, a autora coloca que "muitos caminhos estão sendo apontados pelos próprios alunos; é preciso que os educadores ouçam o que eles têm a dizer" (p. 136). Baseada nisso, no terceiro capítulo, "elementos para uma antidiplina", Áurea deixa, novamente, a palavra com os alunos, examinando suas reclamações, considerações favoráveis à escola e sugestões.

Com relação à hipótese inicial a conclusão é que "não há uma relação direta entre o rigor dos sistemas de vigilância e punição e a depredação do prédio", uma vez que a autora encontrou "escolas com um rígido sistema de disciplina e que não são danificadas; em outras, a disciplina inexistente, mas o prédio é depredado; como também há estabelecimentos onde a rigidez disciplinadora parece ocasionar a depredação feita por alunos" (p. 133). A afirmação geral da socióloga é que "todas as escolas pesquisadas em Campinas apresentam-se fundamentalmente autoritárias, confundindo liberdade com desorganização e disciplina com repressão" (p. 134).

O texto preciso de Áurea é ilustrado com trinta e quatro desenhos de alunos de 1ª a 4ª série, perfeitamente integrados nas discussões, retratando a maneira como a escola é "entendida" por quem a frequenta. Felizmente, a autora indica, na Introdução, sua intenção de retomar o estudo, através do material colhido junto às crianças, mediante essa forma de expressão. Os critérios e dados estatísticos do estudo, fazem parte da obra em apêndice.

Atual, oportuno e corajoso, o livro é leitura obrigatória para todos aqueles educadores, administradores escolares, ou não, engajados no processo de construção de uma escola "onde os alunos e professores tenham suas palavras ouvidas" e "realizem juntos o aprendizado da autoridade ( sem autoritarismo ) e da liberdade ( sem licenciosidade )" (p. 158).

**Nelson Carvalho Marcellino**